

LIÇÃO 4 - A Filosofia Primeira Considera Todos os Contrários. Sua Distinção da Lógica

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 1004a 34-1005a 18

“ 310. E também é evidente que é função do filósofo poder estudar todas as coisas. Pois se não é função do filósofo, quem será que investigará se Sócrates e Sócrates sentado são a mesma pessoa, ou se uma coisa tem um único contrário, ou o que é um contrário, ou quantos significados ele tem? E o mesmo se aplica a outras questões deste tipo. Portanto, uma vez que essas mesmas coisas são as propriedades essenciais da unidade enquanto unidade e do ser enquanto ser, mas não enquanto números ou linhas ou fogo, evidentemente é ofício desta ciência conhecer tanto as quididades dessas coisas quanto seus acidentes. Portanto, aqueles que têm estudado essas coisas não erram por serem não-filosóficos, mas porque a substância, à qual não prestam atenção, é primeira. Ora, há propriedades do número enquanto número, por exemplo, imparidade e paridade, comensurabilidade e igualdade, excesso e defeito, e estas pertencem aos números ou em si mesmos ou em relação uns aos outros. E similarmente há propriedades do sólido, e do que é mutável e do que é imutável, e do que é pesado e do que é leve. E de maneira semelhante há propriedades do ser enquanto ser; e estas são as coisas sobre as quais o filósofo tem que investigar a verdade.

311. Uma indicação disso é a seguinte. Os dialéticos e os sofistas assumem a mesma aparência que o filósofo, pois a sofística é sabedoria aparente, e os dialéticos disputam sobre todas as coisas, e o ser é comum a todas as coisas. Mas evidentemente eles disputam sobre essas matérias porque são comuns à filosofia. Pois a sofística e a dialética concernem à mesma classe de coisas que a filosofia.

312. Mas a filosofia difere desta última no modo de sua capacidade, e da primeira na escolha, i.e., seleção, de um modo de vida. Pois a dialética está em busca do conhecimento do que o filósofo realmente conhece, e a sofística tem a aparência de sabedoria mas não o é realmente.

313. Além disso, um membro correspondente de cada par de contrários é privativo, e todos os contrários são referidos ao ser e ao não-ser e à unidade e à pluralidade; por exemplo, o repouso pertence à unidade e o movimento à pluralidade.

314. E quase todos os homens admitem que a substância e os seres são compostos de contrários; pois todos dizem que os princípios são contrários. Pois alguns falam do ímpar e do par, outros do quente e do frio, outros do limitado e do ilimitado, e outros do amor e do ódio.

315. E todas as outras contrariedades parecem redutíveis à unidade e à pluralidade. Portanto, aceitemos essa redução como certa. E todos os princípios que têm a ver com outras coisas caem sob a unidade e o ser como seus gêneros.

316. Fica claro a partir dessas discussões, então, que é ofício de uma única ciência estudar o ser enquanto ser. Pois todos os seres são ou contrários ou compostos de contrários, e os princípios dos contrários são unidade e pluralidade. E estes pertencem a uma única ciência, quer sejam usados em um sentido ou não. E talvez a verdade seja que não são. No entanto, mesmo que o termo "um" seja usado em muitos sentidos, todos serão referidos a um sentido primário; e o mesmo vale para os contrários. Portanto, mesmo que a unidade ou o ser não sejam universais e idênticos em todas as coisas, ou sejam algo separado (como presumivelmente não são), ainda assim, em alguns casos, a coisa será referida à unidade e, em outros, ao que se segue da unidade.

317. E por essa razão, não é da alçada da geometria examinar o que é um contrário, ou o que é o perfeito, ou o que é a unidade, ou o que é a mesmidade ou a alteridade, mas sim assumi-los.

318. É evidente, então, que é ofício de uma única ciência estudar tanto o ser enquanto ser quanto os atributos que pertencem ao ser enquanto ser. E também é evidente que a mesma ciência estuda não apenas as substâncias, mas também seus acidentes, tanto os mencionados acima quanto anterior e posterior, gênero e espécie, todo e parte, e outros tais como estes.

COMENTÁRIO

Razões gerais para isso (diferença entre metafísica e dialética ou sofística).

570. Aqui ele usa argumentos baseados em princípios comuns para provar o que o filósofo deve considerar em relação a todos os atributos anteriores. Primeiro, ele prova sua tese; e segundo (587), ele introduz sua conclusão pretendida ("É evidente").

Em relação à primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, ele prova sua tese; e segundo (586), ele tira um corolário do que foi dito ("E por essa razão").

Ele dá três argumentos para provar sua tese. O segundo (572) começa onde ele diz: "Uma indicação disso"; e o terceiro (578), em "Além disso, um correspondente."

O primeiro argumento é o seguinte. Todas as questões que podem ser levantadas devem ser respondidas por alguma ciência. Mas questões são levantadas sobre os atributos comuns mencionados acima, por exemplo, a questão sobre a mesmidade e a alteridade: se Sócrates e Sócrates sentado são os mesmos; e a questão sobre os contrários: se uma coisa tem um contrário, e quantos significados o termo contrário tem. Portanto, essas questões devem ser respondidas por alguma ciência que considere a mesmidade e a contrariedade e os outros atributos mencionados acima.

571. Que esta seja a tarefa do filósofo e de mais ninguém, ele prova assim: aquela ciência cujo ofício é considerar o ser enquanto ser é a que deve considerar as primeiras propriedades do ser. Mas todos os atributos acima mencionados são acidentes próprios da unidade e do ser enquanto tais. Pois o número enquanto número tem propriedades, como excesso, igualdade, comensurabilidade, e assim por diante, algumas das quais pertencem a um número tomado absolutamente, como par e ímpar, e algumas a um número em relação a outro, como igualdade. E até mesmo a substância tem atributos próprios, "como o resistente", ou corpo, e outros desse tipo. E de maneira semelhante, o ser enquanto ser tem certas propriedades, que são os atributos comuns mencionados acima; e, portanto, o estudo delas pertence ao filósofo. Assim, aqueles que lidam com a filosofia não erraram em seu tratamento dessas coisas "por serem não filosóficos", isto é, por considerá-las de uma maneira que não pertence às investigações da filosofia, mas porque, ao tratá-las, não prestam atenção à substância, como se estivessem completamente descuidados dela, apesar do fato de que ela é a primeira coisa que o filósofo deve considerar.

572. Uma indicação (311).

Em seguida, ele dá um segundo argumento para provar o mesmo ponto. Este argumento emprega um exemplo e é assim: dialéticos e sofistas assumem a mesma aparência que o filósofo, na medida em que se assemelham a ele em algum aspecto. Mas o dialético e o sofista disputam sobre os atributos acima mencionados. Portanto, o filósofo também deve considerá-los. Em apoio à sua primeira premissa, ele mostra como a dialética e a sofística se assemelham à filosofia e como diferem dela.

573. *Dialética* se assemelha à filosofia porque também é ofício do dialético considerar todas as coisas. Mas isso não poderia ser o caso, a menos que ele considerasse todas as coisas na medida

em que concordam em algum aspecto; porque cada ciência tem um sujeito, e cada arte tem uma matéria sobre a qual opera. Portanto, uma vez que todas as coisas concordam apenas no ser, evidentemente o assunto da dialética é o ser e aqueles atributos que pertencem ao ser; e isso é o que o filósofo também investiga. E a *sofística* também se assemelha à filosofia; pois a sofística tem "a aparência de sabedoria", ou é sabedoria aparente, sem ser sabedoria. Ora, qualquer coisa que assuma a aparência de outra coisa deve se assemelhar a ela de alguma forma. Portanto, o filósofo, o dialético e o sofista devem considerar a mesma coisa.

574. No entanto, eles diferem entre si. O filósofo difere do *dialético* em poder, porque a consideração do filósofo é mais eficaz do que a do dialético. Pois o filósofo procede demonstrativamente ao lidar com os atributos comuns mencionados acima e, assim, é próprio dele ter conhecimento científico desses atributos. E ele realmente os conhece com certeza, pois o conhecimento certo ou científico é o efeito da demonstração. O dialético, por sua vez, procede ao tratamento de todos os atributos comuns mencionados acima a partir de premissas prováveis e, assim, não adquire conhecimento científico deles, mas uma espécie de opinião. A razão para essa diferença é que existem dois tipos de seres: seres de razão e seres reais. A expressão "ser de razão" é aplicada propriamente àquelas noções que a razão deriva dos objetos que considera, por exemplo, as noções de gênero, espécie e similares, que não são encontradas na realidade, mas são um resultado natural da consideração da razão. E esse tipo de ser, ou seja, o ser de razão, constitui o sujeito próprio da *lógica*. Mas concepções intelectuais desse tipo são iguais em extensão aos seres reais, porque todos os seres reais caem sob a consideração da razão. Portanto, o sujeito da lógica se estende a todas as coisas às quais a expressão "ser real" é aplicada. Sua conclusão é, então, que o sujeito da lógica é igual em extensão ao sujeito da filosofia, que é o ser real.

Agora, o filósofo parte dos princípios desse tipo de ser para provar as coisas que devem ser consideradas sobre os acidentes comuns desse tipo de ser. Mas o dialético procede para considerá-las a partir das concepções da razão, que são extrínsecas à realidade. Por isso, diz-se que a dialética está em busca do conhecimento, porque, na busca, é próprio proceder a partir de princípios extrínsecos.

575. Mas o filósofo difere do *sofista* "na escolha", i.e., na seleção ou vontade, ou no desejo, de um modo de vida. Pois o filósofo e o sofista direcionam sua vida e ações para coisas diferentes. O filósofo as direciona para conhecer a verdade, enquanto o sofista as direciona de modo a parecer saber o que não sabe.

576. Agora, embora se diga que a filosofia é conhecimento científico, e que a dialética e a sofística não o são, isso ainda assim não elimina a possibilidade de a dialética e a sofística serem ciências. Pois a *dialética* pode ser considerada tanto do ponto de vista teórico quanto do prático. (1) Do ponto de vista teórico, ela estuda essas concepções e estabelece o método pelo qual se procede delas para demonstrar com probabilidade as conclusões das ciências particulares; e faz isso demonstrativamente, e, nessa medida, é uma ciência. (2) Mas, do ponto de vista prático, ela faz uso do método acima para alcançar certas conclusões prováveis nas ciências particulares; e, nesse aspecto, fica aquém do método científico.

O mesmo deve ser dito da *sofística*, porque, do ponto de vista teórico, ela trata, por meio de argumentos necessários e demonstrativos, o método de argumentar em direção à verdade

aparente. Do ponto de vista prático, no entanto, ela fica aquém do processo de argumentação verdadeira.

577. Mas aquela parte da lógica que é dita *demonstrativa* diz respeito apenas à teoria, e a aplicação prática dela pertence à filosofia e às outras ciências particulares, que lidam com seres reais. Isso porque o aspecto prático da parte demonstrativa da lógica consiste em usar os princípios das coisas, dos quais procede a demonstração (que propriamente pertence às ciências que tratam dos seres reais), e não em usar as concepções da lógica.

Assim, parece que algumas partes da lógica são ao mesmo tempo científicas, teóricas e práticas, como a dialética exploratória e a sofística; e uma delas diz respeito à teoria e não à prática, a saber, a lógica demonstrativa.

578. Em seguida, um correspondente (313).

Então ele apresenta o terceiro argumento em apoio à sua tese. Ele é o seguinte: tudo o que é redutível à unidade e ao ser deve ser considerado pelo filósofo, cuja função é estudar a unidade e o ser. Mas todos os contrários são redutíveis à unidade e ao ser. Portanto, todos os contrários pertencem à consideração do filósofo, cuja função é estudar a unidade e o ser.

579. Então ele prova que todos os contrários são redutíveis à unidade e ao ser. Ele faz isso, primeiro, em relação ao ser; e procede assim: de quaisquer dois contrários que os filósofos puseram como princípios das coisas, como é dito no Livro I (62:C 132), um contrário é sempre o correlativo do outro e é relacionado a ele como sua privação. Isso fica claro pelo fato de que um dos dois contrários é sempre algo imperfeito quando comparado ao outro e, portanto, implica alguma privação da perfeição do outro. Mas uma privação é um tipo de negação, como foi dito acima (306:C 564), e, portanto, é um não-ser. Assim, fica claro que todos os contrários são redutíveis ao ser e ao não-ser.

580. Ele também mostra por um exemplo que todos os contrários são redutíveis à unidade e à pluralidade. Pois o repouso ou a quietude é redutível à unidade, já que se diz que está em repouso aquilo que está na mesma condição agora como antes, como é dito no Livro VI da *Física*. E o movimento é redutível à pluralidade, porque tudo o que está em movimento está em uma condição diferente agora do que antes, e isso implica pluralidade.

581. E quase todos (314).

Então ele usa outro argumento para mostrar que os contrários são redutíveis ao ser. Tanto os princípios das coisas quanto as coisas compostas deles pertencem ao mesmo estudo. Mas os filósofos admitem que os contrários são os princípios do ser enquanto ser; pois todos dizem que os seres e as substâncias dos seres são compostos de contrários, como foi dito no Livro I da *Física* e no primeiro livro desta obra (62:C 132). No entanto, embora concordem nesse ponto, que os princípios dos seres são contrários, ainda assim diferem quanto aos contrários que apresentam. Pois alguns apresentam o par e o ímpar, como os pitagóricos; outros o quente e o frio, como Parmênides; outros “o fim” ou termo “e o ilimitado”, i.e., o finito e o infinito, como fizeram os mesmos pitagóricos (pois atribuíram a limitação e a ilimitação ao par e ao ímpar, como é dito no Livro I (59:C 124); e ainda outros apresentaram a amizade e o conflito, como Empédocles.

Portanto, fica claro que os contrários são redutíveis ao estudo do ser.

582. E todos os outros (315).

Ele diz que os contrários mencionados acima são redutíveis não apenas ao ser, mas também à unidade e à pluralidade. Isso é evidente. Pois a ímparidade, por razão de sua indivisibilidade, é afiliada à unidade, e a paridade, por razão de sua divisibilidade, tem uma conexão natural com a pluralidade. Assim, o fim ou limite pertence à unidade, que é o termo de todo processo de resolução, e a falta de limite pertence à pluralidade, que pode ser aumentada ao infinito. Novamente, a amizade também claramente pertence à unidade, e o conflito à pluralidade. E o calor pertence à unidade na medida em que pode unir coisas homogêneas, enquanto o frio pertence à pluralidade na medida em que pode separá-las. Além disso, não apenas esses contrários são redutíveis dessa maneira à unidade e à pluralidade, mas também todos os outros. No entanto, essa “redução”, ou introdução, à unidade e à pluralidade, aceitemos agora ou “tomemos por garantida”, i.e., suponhamo-la agora, porque examinar cada conjunto de contrários seria uma tarefa longa.

583. Em seguida, ele mostra que todos os contrários são redutíveis à unidade e ao ser. Pois é certo que todos os princípios, na medida em que têm a ver “com outras coisas”, i.e., as coisas compostas deles, caem sob a unidade e o ser como seus gêneros, não no sentido de que verdadeiramente sejam gêneros, mas no sentido de que têm alguma semelhança com gêneros por razão do que têm em comum. Portanto, se todos os contrários são princípios ou coisas compostas de princípios, eles devem ser redutíveis à unidade e ao ser. Assim, fica claro que ele mostra que os contrários são redutíveis ao ser por duas razões: primeiro, por causa da natureza da privação, e segundo, pelo fato de que os contrários são princípios. Ele mostra que são redutíveis à unidade dando um exemplo e usando um processo de redução. Por último, ele mostra que são redutíveis à unidade e ao ser na medida em que têm o caráter de gêneros.

584. É evidente (316).

Aqui ele prova, de modo contrário, que esta ciência considera o ser porque considera as coisas mencionadas acima. Seu argumento é este: todos os seres são redutíveis a contrários, pois são ou contrários ou compostos de contrários. E os contrários são redutíveis à unidade e à pluralidade, porque unidade e pluralidade são os princípios dos contrários. Mas unidade e pluralidade pertencem a uma única ciência, a filosofia. Portanto, é ofício desta ciência considerar o ser enquanto ser. No entanto, deve-se notar que todos os contrários mencionados acima caem sob a consideração de uma única ciência, sejam eles usados “em um só sentido”, isto é, univocamente, ou não, como talvez seja o caso. Contudo, mesmo que o termo “um” seja usado em muitos sentidos, todos os outros, i.e., todos os outros significados, são redutíveis a um sentido primário. Assim, mesmo que a unidade ou o ser não seja um universal, como um gênero, conforme foi dito acima (quer um universal seja dito ser um-uno-em-todos, como sustentamos, ou algo separado das coisas, como Platão pensava, e como presumivelmente não é o caso), ainda assim cada um é usado em um sentido primário e em um sentido secundário. E o mesmo vale no caso de outros termos, pois alguns sentidos se referem a um sentido primário, e outros são secundários em relação a esse sentido primário. Um advérbio que designa incerteza é usado na medida em que estamos agora supondo coisas que serão provadas adiante.

585. Mas, no entanto, deve-se ter em mente que a afirmação que ele fez, de que todos os seres são ou contrários ou compostos de contrários, ele não a deu como sua própria opinião, mas como uma que tomou dos filósofos antigos; pois os seres imutáveis não são contrários nem compostos de contrários. E é por isso que Platão não postulou nenhuma contrariedade nas substâncias sensíveis imutáveis; pois ele atribuiu unidade à forma e contrariedade à matéria. Mas os filósofos antigos afirmaram que existem apenas substâncias sensíveis e que estas devem conter contrariedade, na medida em que são mutáveis.

586. E por essa razão (317)

Em seguida, ele tira um corolário do que foi dito. Ele diz que não é da competência da geometria investigar as coisas anteriores, que são acidentes do ser enquanto ser, i.e., investigar o que é um contrário, ou o que é o perfeito, e assim por diante. Mas se um geômetra as considerasse, ele as “assumiria”, i.e., pressuporia sua verdade, na medida em que as tomaria de algum filósofo anterior, de quem as aceita na medida em que são necessárias para sua própria matéria de estudo. O que é dito sobre a geometria deve ser entendido como aplicável também no caso de qualquer outra ciência particular.

587. É evidente (318).

Ele agora resume os pontos estabelecidos acima. Ele diz que, obviamente, a consideração do ser enquanto ser e dos atributos que lhe pertencem por si mesmos pertence a uma única ciência. Assim, está claro que essa ciência considera não apenas as substâncias, mas também os acidentes, uma vez que o ser é predicado de ambos. E ela considera as coisas que foram discutidas, a saber, igualdade e alteridade, semelhança e dessemelhança, igualdade e desigualdade, privação e negação, e contrários – que dissemos acima serem os acidentes próprios do ser. E ela considera não apenas aquelas coisas que caem sob a consideração desta ciência, sobre as quais a demonstração foi feita individualmente por meio de argumentos baseados em princípios próprios, mas também considera, de modo semelhante, anterior e posterior, gênero e espécie, todo e parte, e outras coisas desse tipo, porque também estas são acidentes do ser enquanto ser.